

Queridos Amigos\*

Tive a honra de conviver com Hildebrando por 13 anos. Nesse período pude aprender Ciência, aprender os afazeres sociais de um cientista, pude aprender os valores mais puros da relação homem e sua missão profissional. Pois, Hildebrando nos ensinava tais valores de forma contagiosa. Talvez a melhor palavra para descrever esses 13 anos não seja “convivência”. Posso dizer que tive o presente de ter Hildebrando em minha vida. Morando com ele por um período, aprovando e/ou reprovando minhas namoradas ou tendo minha filha Isadora o chamando do vovô Luiz. O título dado por minha amada filha era puro e verdadeiro para um ser humano tão premiado. Um ser humano que tive como meu segundo pai. Aliás, por muitas vezes, meu relacionamento com Luiz era mais forte do que com meu próprio pai biológico.

Por isso meus queridos resolvi escrever minha fala por dois motivos básicos e Hildebrandeanos: Primeiro, pelo risco de ser pego não conseguindo falar pela emoção que sinto nesse momento tão particular; Segundo, por não conseguir fazer uma homenagem ao Luiz que não a fosse literária, que era a forma que ele gostava de fazer sua psicoterapia traduzidas em crônicas, causos e prosas

---

\* Os elementos pré-textuais de cumprimentos formais à mesa e ao público foram extraídos. Ainda, o texto a seguir foi utilizado como base de apoio à homenagem, podendo conter erros e frases desconexas.

## Uma noite de pronex e não prozac

Era ainda tempo chuvoso em Rondônia no início do ano de 2003. Eu ainda não me acostumara com as chuvas torrenciais que caíam neste período. De repente o tempo se fechava com gigantes nuvens acinzentadas carregadas com toneladas de águas aptas para despencarem em nossas cabeças. Era sempre de repente, como trombetas anunciantes, os trovões ensurdeciam o ambiente por alguns segundos que se pareciam horas. Chuva anunciada. Chuva que caía por 30 minutos. O suficiente para alagar a cidade e tornar difícil o caminho de bicicleta entra o CEPEM e a casa do Prof. Luiz.

Uma parte do caminho era arenosa o que tornava a empreitada mais difícil. Mas as chuvas nesse período parecia ter hora marcada. Às 17 horas. Caía em *tobogã* e depois parava. Lama pela frente, sobravam me as pedaladas mais lentas ou passos no trajeto. Não importava porque era justamente onde eu contemplava o pós-chuva. Nesse mesmo trajeto arenoso havia uma pequena mata que refletia a biodiversidade amazônica. Pós-chuva e podia-se observar saguis, sapos e pererecas pelo caminho, tucanos voando sassaricando os açacais existentes. Quando de bicicleta era inevitável não contemplar o pós-opera que acontecia ali diariamente. Às vezes passava ali de carona com Prof. Hildebrando que sempre contemplava aquele local sagrado. “Espero que meu açacá cresça logo para ter visitas ilustres no quintal de casa – sempre dizia ele.

A chegada na casa de Prof. Hildebrando onde eu estava morando temporariamente era ritualística. Muitas vezes chegava um pouco mais tarde que prof. Hildebrando e, ao fazer a curva para direita da ruela que compunha o condomínio Lagoa (nome próprio e *literis*), já avistava Prof. Hildebrando,

sentado na varanda de sua casa, ajustado na mesa de plástico, com as pernas cruzadas, sandálias postas, enrolando o bigode e apreciando um rico copo de caipirinha feito com limão galego e pinga velho barreiro. Velho barreiro ou então a famosa 51 porque o resto era cachaça e cachaça devia ser apreciada pura e devagar como prof. Hildebrando dizia.

- Ô! O Mestre chegou. *Have seat*, vou preparar uma caipirinha para você refrescar a cabeça – exclamou prof. Hildebrando.

- Não Professor não se incomode. Posso fazer minha própria – disse

Com gesto de repulsa enrugando a testa e levantando as duas mãos em pronação. Hildebrando se levantou e foi preparar o líquido apreciado por muitos brasileiros e não brasileiros. Ele gostava de servir a caipirinha fabricada por suas próprias mãos quase sempre. Quando estava de mal humor, indicava os ingredientes em cima da mesa que ficava ao lado de seu piano. Quase todos os dias fazíamos o mesmo ritual. Cadeira na varanda, caipirinha do lado e muita prosa. Conversávamos da vida, da política, da economia, das catástrofes e da ciência e muita ciência. Todas as noites de *retreat* científico bilateral, ou melhor, monolateral porque eu estava era aprendendo do que palpitando, de como poderíamos estabelecer ciência de qualidade em uma região que tanto precisa do olhar científico para seu desenvolvimento. Ali naquela posição, olhando as estrelas surgirem, as fases da lua, a grama crescer, a brisa acabar, a chuva virar, permanecíamos por aproximadamente duas horas, durante os dias do ano.

Ritual é ritual. Geralmente depois de nosso momento contemplativo nos dirigíamos ao fogão para beliscar as sobras do almoço, a televisão era ligada e

toda atenção voltada para o jornal das dez. Notícias atualizadas missão diária findada e cama.

Confesso que naquela época ainda estava no período de adaptação, me deitava olhando sempre para o teto até que minha visão se acostumava com o breu que se formava no quarto e conseguia mirar uma imperfeição que formava como um desenho sinuoso parecido com os rios amazônicos. Tentava navegar ali no meu confuso imaginário, enquanto respirava o ar úmido e pesado da região. Havia estabelecido um deadline para me empantufar de Prozac caso o sono não chegasse através de minha viagem no rio sinuoso formado imaginariamente em minha frente. Uma hora era esse tempo limite. Santo Prozac!

Nesse dia em particular estava muito cansado. O dia havia sido intenso e não foi difícil de me pegar dormindo. De repente, ouço batidas frenéticas na porta de meu quarto. Num ato de reflexo salto da cama desorientado, com o coração acelerado buscando a direção da maçaneta. Nos dois eternos passos que deveria dar para alcançar a porta, meu pensamento começou a pintar a pior paisagem: “Hildebrando está passando mal e necessita de ajuda”. Bato a mão na ferramenta de trinco e abro a porta repentinamente com os olhos esbugalhados procurando já filtrar os sintomas de Hildebrando. Foi quando comecei a deixar a visão de campo periférico que adquirimos numa situação de fuga ou luta, para a visão pontual. Foquei nas mãos de Hildebrando, as mesmas que estavam ocupadas com dois outros copos de Caipirinha.

O nobre professor estava vestindo um pijama azul, desbotado pelo tempo e chinelos de couro. Minha preocupação imediata e clínica de um mal súbito se transformou em um prognóstico de uma possível alucinação. “Hildebrando surtou e confundiu os horários só pode ser isso, já passam da uma da manhã”.

Estava certo disso e quando meus músculos faciais sinalizaram a abertura de minha boca para a vocalização de consolo seguida de pedagogia psicanalítica para explicar ao prof. Hildebrando que era “uma da manhã”, sou subitamente interrompido pela projeção dos copos de caipirinha em minha frente: “Mestre, já preparei o estímulo. Você tem papel e caneta aí? Tem? Então pega que vamos sentar lá na varanda porque tive uma briga com meu travesseiro. Pega aí e eu estou te esperando lá.” Disse Prof. Luiz

Rapidamente Hildebrando se vira e se dirige à mesa da varanda onde já havíamos cumprido duas horas de contemplação da esplanada do condomínio da Lagoa. Ainda sem saber o que estava acontecendo e tentando me localizar nos metros quadrados a minha frente, tateei a escrivaninha para alcançar um bloco de notas e um lápis que estava envergado devido sua posição irregular apoiado por dias numa simples mesa de madeira que eu usava para apoiar meus livros.

- Pronto professor está aqui papel e lápis. Me conta seu pesadelo já que brigou com seu travesseiro – disse ao Professor Hildebrando
- Cruhhhh! Porra, é óbvio mestre. Estava na nossa cara o tempo todo e nem percebemos. O plasmódio não faz via de salvamento de purinas. Diógenes está vendo essa rota lá no RGS para tuberculose. Acho que temos que propor rotas específicas para estudar novas drogas à partir da via do salvamento de purinas. O que acha? Fazemos isso usando enzimas de rotas específicas e highthroughput screening. Vamos escrever um milênio com o tema e enviar ao CNPq. Vamos entrar na rota da Biotecnologia e conhecer o que essa rica floresta no nosso quintal pode nos oferecer. – disse Hildebrando limpando a garganta, coçando o bigode e levantando o copo de caipirinha que foi de encontro a sua boca.

Naquele momento começamos a esboçar a ideia do projeto enquanto que eu podia perceber o movimento da lua em direção ao seu poente. A revoada de tucano se iniciando nos açais. Sapos e pererecas se silenciando. Era o dia amanhecendo.

Mais que um dia amanhecendo, era um tema que brotava. E eu, imerso na minha própria imaturidade de iniciante, estava completamente desconfiado daquele projeto que nascia. “Como que um projeto desta complexidade pode ser desenvolvido e gerar algo nesse lugar tão distante dos centros de pesquisas de ponta brasileiros? Não vou pensar nos centros internacionais se não terei que aumentar minha dose de prozac”. Esse era o pensamento que assolava minha mente enquanto escrevia freneticamente como uma tradução quase que proteica do código de ideias que vinha do cérebro hildebradeano.

Foi naquela noite poética, que meus pesadelos causados pela dúvida se eu, jovem pesquisador havia feito a decisão correta em permanecer em Rondônia. Foi na aprovação desse projeto Milenium que pude perceber o brilhantismo e a simplicidade de um cientista engajado na Ciência para o povo brasileiro.

A Ciência feita pelo Prof. Hildebrando em uma instituição e Estado que ele mesmo tanto amou. Tantos anos se passaram em minha carreira e o sentimento é o mesmo. Como aprendemos a amar essa região, esse estado e esta instituição.

Encerrando esse conto e pedindo permissão aos senhores para emendar um pequeno *pot-pourri like* agora, para falar aos amigos queridos que permanecem em Rondônia.

O mais curioso e, ao mesmo tempo interessante, é de se tentar entender como esses valores entraram em nossos corações e creio que vocês já devem ter pensado sobre isso também. Principalmente os companheiros que como eu, migraram de outra região do país e do mundo para fazer de Rondônia nossa casa.

Luiz, o tal Prof. Hildebrando

É justamente aí que entra mais uma vez Luiz, o Hildebrando. Luiz nunca nos colocou em uma sala de aula para fazer nossa iniciação nos valores da ciência para o desenvolvimento regional. Luiz trasbordava em seus olhos tais valores. Bastavam-se cinco minutos de prosa e meio dedo de cachaça para perceber que Luiz não falava do Ipepatro como uma instituição de CTI como outra qualquer. Ele falava de sua própria vida. Éramos os melhores do mundo. Todos que ainda não conheciam as infraestruturas do Ipepatro, acreditavam que lá era o melhor lugar do mundo para se fazer ciência. Tínhamos cérebro e músculos para tal.

“Depois, com a aposentadoria do Instituto Pasteur, resolvi passar mais tempo em Rondônia do que em Paris. Isso se explicava. Em Paris não teria mais nenhum trabalho a desenvolver, nada a fazer. Exceto a família ...”

“Mas, pensei comigo, se ficasse como aposentado iria, envelhecendo, evoluir para aposentado avô ranzinza.” [] “mas há um complemento de resposta

que eu não revelo senão aos íntimos do “por que Rondônia”. Na verdade, creio eu, é a razão principal de eu estar aqui. Se fosse apenas uma questão de volta poderia estar em São Paulo, ou no Rio. Não é isso. A razão não tem nenhum conteúdo saudosista, caritativo, ou altruístico. .... Durante trinta e dois anos vivi com uma comunidade científica internacional, a mais sofisticada. Cruzei e convivi com vários prêmios Nobel. Frequentei um dos melhores institutos do mundo na área biomédica. Laboratórios os mais modernos. Conferencias diárias dos melhores especialistas mundiais. Tudo a minha disposição. Aprendi e atualizei-me nessa Ciência, parte por esforço próprio, na maior parte por orelhada e por osmose. No Instituto Pasteur para aprender, não se tem nada mais a fazer do que manter as orelhas atentas. E agora? Aposentado? Toda essa Ciência que degluti e absorvi durante anos serve a alguma coisa? Note-se bem a pergunta: o conhecimento, o saber... servem a alguma coisa, dissociada dos instrumentos que a acompanharam? De todos os equipamentos, aparelhos, maquinas, reativos e reagentes que abundam no Instituto em que vivi e com quem trabalhei? E sem eles? Valho alguma coisa? Entre os dois componentes básicos da ação do cientista: o cérebro de um lado, que absorve a informação e elabora hipóteses e soluções, e os músculos, de outro que executam com suas extensões (equipamentos, instrumentos, drogas reagentes e o resto da parafernália). O que é mais importante? O que podem um sem o outro? Que os músculos sem cérebro possam fazer grande coisa é questão que se afasta de imediato. Mas pode o cérebro fazer algo sem os músculos? Ou dito melhor, sem os utensílios habituais? Um matemático sem lápis e papel no deserto Saara? Um biólogo molecular sem aparelhos na selva amazônica? Eis o desafio. Eis que excitou minhas meninges. E formulei, de saída, uma hipótese afirmativa. Melhor seria dizer, de



entrada. Ao decidir vir para Rondônia, minha hipótese era de que o cérebro pode, mesmo que quando perde músculos, inventar e criar novas parafernalias.”

– *fragmentos de Crônicas subversivas de um cientista\**.

Luiz levava a imagem de nossa instituição para todo o planeta dessa forma porque ele vivia e sentia a importância desta para a nossa região. Nesse mesmo livro acima citado, Luiz, o Prof. Hildebrando, estava ciente que não resolveria o problema mundial. Inicialmente, pensava em resolver o problema de Portochuelo, uma comunidade de 40 habitantes. Mas sabia que a forma de intervenção, não apenas pela ciência, mas também pelo afeto ao próximo, ensinando ao próximo a dividir, se ajudar e a trabalhar, era o caminho para transformação. Ai sim se criássemos 40 mil Portochuelos começaria a surtir algum efeito, dizia Prof. Hildebrando.

Luiz, buscou através do cérebro novos músculos. O que Luiz, o Prof. Hildebrando descobriu de verdade é que as células desse cérebro específico também podem se dividir! E, o que realmente temos no Ipepatro, hoje Fiocruz Rondônia, Cepem, Unir saúde e Polo tecnológico que alberga todas as instituições colaboradoras dessa missão? A resposta é tão clara quanto os céus de Rondônia: PESSOAS. Temos pessoas. Temos eu e você. Era em mim, era em você que Luiz, o Prof. Hildebrando acreditava. Não sei se a resposta era clara para o mestre no início. Mas, ele acreditou na melhor infraestrutura possível. Nas pessoas engajadas em mudar um paradigma regional. O que adiantaria os músculos, os aparelhos, drogas e reagentes no meio da selva amazônica se não tivesse o artista cientista artesão que transformasse o meio? Se não tivesse a célula do cérebro em plena mitose?

Luiz, o Prof. Hildebrando acreditava no poder de transformação que as pessoas podem fazer em todas as dimensões. Seja num *paper* publicado ou, na mais simples das funções. Acreditava no trabalho bem feito. Acreditava que o trabalho profissional vem do coração. Esse é o grande legado que fica do Luiz, o Prof. Hildebrando para mim.

Para todos nós que conhecemos e bebemos da fonte do mestre, sabemos que Luiz daria como missão cumprida em Rondônia apenas quando ele mesmo tivesse a certeza de que todos nós estivéssemos preparados. Preparados para deixa-lo vivo em seu legado. Talvez hoje, neste dialogo franco com todos vocês, esteja eu, tendo o mesmo sentimento que Luiz, o Prof. Hildebrando, tivera na decisão do caminho escolhido: “Quem entendia de índio era meu amigo Darcy Ribeiro. Podia bem ter perguntado, mas ele já se foi. Curioso como os amigos que já se foram nos fazem tanta falta. Quando estavam vivos pouco pensávamos neles. Agora, a cada questão sobre a qual necessito um conselho, uma opinião ou mesmo um mero palpite, penso num amigo que já se foi: Ele seria certamente capaz de me dar uma resposta.”\*

No último mês de abril, no sofá de minha nova residência no RJ, Hildebrando me contava que estava muito feliz em saber que o pessoal de Rondônia estava consolidado e estável e que ele queria voltar a pensar em plantar rosas em seu jardim na França. Dizia que queria plantar rosas, porque rosas o fazia lembrar de Cécile, sua esposa que estava o deixando aos poucos por causa de um câncer e, de um dos primeiros desafios que havia sofrido em Rondônia, que foi o de tentar cultivar boas rosas em seu jardim. “Rosas em meio a tanta beleza natural que as florezinhas da biodiversidade da Amazônia pode me dar. Sou mesmo idealista comunista”, disse-me.

Foi uma das primeiras vezes que não falamos de ciência em nossa roda de prosa e cachaça. Falamos da vida. Na verdade, o que realmente Luiz, agora o Luiz, falava nesse encontro, era mesmo de seus dois grandes amores Cécile e Rondônia. Neste dia pude perceber que Luiz estava com a sensação da vida vivida, da missão cumprida. De tornar a Ciência capaz de transformar o meio: “A luta contra a transformação da Ciência em atividade virtual que impeça que se torne para o comum dos mortais algo a contemplar nas transmissões de televisão das maravilhas que se passam “lá fora”, mas nunca “aqui onde se vive”. É com essa luta que me identifico. [] É por isso que voltei. Melhor dizer que é por isso que penso que voltei.”\*

A dúvida mencionada acima não existia mais nos dias atuais para Luiz, o Prof. Hildebrando e para Luiz, o Luiz, que sempre escreveu Ciência com letra C maiúscula em todos os seus manuscritos.

Agora que para mim a velhice também se anuncia, retorno ao ponto de partida. Portanto, às vezes eu me pergunto: não seria tudo isso apenas uma longa viagem de volta?\*

Para nós Luiz, o Prof. Hildebrando; Luiz, o Luiz; Luiz Hildebrando Pereira da Silva é o ponto de partida de nossa missão e de seu imortal legado.

Vamos juntos saudar Prof. Hildebrando fazendo o que sabemos fazer. Ciência com C maiúsculo, com o coração para algo útil para nosso país.

Viva Luiz, o Prof. Hildebrando

Viva Luiz

Viva Luiz, Luiz Hildebrando Pereira da Silva (1928 –  
2014)

“Coraggio, o Fuggiamo” – que tenhamos a coragem de seguir os seus caminhos

Jamais deixarei de lembrar de você, Luiz ao me deparar com uma linda  
rosa por esse mundo afora que te abrigou por tantas vezes.

Rodrigo Stabeli  
16 de novembro de 2014

\*Referencia das citações textuais da obra Crônicas subversivas de um cientista. Obra completa. 2012. Vieira  
e Lent casa editorial Ltda.